
O DIAGNÓSTICO DE DOMINGO FAUSTINO SARMIENTO SOBRE O IMPÉRIO BRASILEIRO EM 1842

DIAGNOSIS OF DOMINGO FAUSTINO SARMIENTO ABOUT THE BRAZILIAN EMPIRE IN 1842

Liz Andréa Dalfré
Mestre – Universidade Federal do Paraná
liz_dalfre@yahoo.com.br

RESUMO: Durante muitos anos a historiografia enfatizou o distanciamento entre as Américas de língua portuguesa e espanhola. Pesquisas recentes demonstram vários pontos de convergência e aproximação entre elas, especialmente do ponto de vista intelectual. O objetivo deste artigo consiste em analisar o olhar do argentino Domingo Faustino Sarmiento sobre o Império brasileiro, a partir de dois textos publicados pelo autor no periódico chileno *El Mercurio*, em 1842. A partir desta análise, pretende-se relativizar a ideia de distanciamento entre as duas Américas e demonstrar como Sarmiento, que em 1842 estava exilado no Chile, não só evidenciou conhecimento e interesse pelo o Brasil, mas elaborou um prognóstico sobre o vizinho de língua portuguesa.

PALAVRAS-CHAVE: América Latina. Domingo Faustino Sarmiento. História intelectual.

ABSTRACT: For many years the historiography emphasized the distancing between the Americas portuguese and spanish-speaking. Recent studies demonstrate several points of convergence and approximation between them, especially the intellectual point of view. The objective of this article is to analyze the look of the argentinean Domingo Faustino Sarmiento on the Brazilian Empire, from two texts published by the author in Chile in periodic *El Mercurio*, in 1842. From this analysis, it is intended to relativize the idea of distancing between the two Americas and demonstrate how Sarmiento, who in 1842 was exiled in Chile, not only showed knowledge and interest in Brazil, but has produced a prognosis on the neighbor of portuguese language.

KEYWORDS: Latin America. Domingo Faustino Sarmiento. Intellectual History.

Introdução

O objetivo deste artigo é refletir sobre a visão que o argentino Domingo Faustino Sarmiento elaborou sobre o Brasil em 1842, em dois artigos publicados no periódico *El Mercurio* de Valparaíso, Chile. Nesta análise, evidenciaremos a construção do seu olhar em relação à política, ao governo e aos habitantes do vizinho de língua portuguesa.

A análise do discurso de Sarmiento sobre o Brasil pode auxiliar a uma compreensão maior acerca das relações estabelecidas entre os países iberoamericanos no século XIX,

especialmente quanto às possíveis aproximações e distanciamentos culturais entre a América de língua espanhola e a de língua portuguesa.

A escolha de Domingo Faustino Sarmiento para esta reflexão justifica-se, especialmente, pelo matricial das reflexões que produziu ao longo da vida e que tiveram grande repercussão para o pensamento intelectual e político da América Latina. Neste sentido, Sarmiento é exemplar para observar como moradores de outros países do continente se relacionaram com o Brasil.

Diversos historiadores já escreveram sobre as dificuldades em mapear as relações entre as Américas de língua espanhola e portuguesa e, principalmente, em identificar os momentos de confluência entre elas. O distanciamento cultural e político, que esteve no cerne da formação histórica destes países, bem como a constatação de que, em diferentes contextos, o Brasil teve os olhos voltados para outros continentes, são alguns dos argumentos que já foram bastante utilizados e hoje são questionados como explicações definitivas. Fato é que os pesquisadores ainda estão à procura de respostas para esta dificuldade, o que tem propiciado investigações profícuas sobre o tema.

Em alguns destes trabalhos, observou-se a existência de um imaginário responsável por alimentar interpretações e a memória coletiva ao longo dos últimos séculos, tanto no Brasil como nos países hispano-americanos. Esse pensamento, compartilhado por intelectuais, governantes, literatos, artistas, jornalistas, entre outros grupos, seria o responsável por identificar o país americano de língua distinta como um outro, gerando um movimento de dissociação, desinteresse, desconhecimento, distanciamento e/ou denegação. (PRADO, 2001).¹ De acordo com Fredrigo (2003, p. 90), denegar está para além de recusar ou negar:

Denegar pode significar também desmentir, contradizer. Tal como num jogo de espelhos, as Américas, não só se recusavam, mas se contradiziam, se desmentiam, usando a imagem do outro para construir a sua própria imagem e definir identitariamente o que não queriam ser.

Alguns estudos apontam ainda para o silêncio e o desconhecimento em relação a esse outro, como demonstrou a pesquisa de Fredrigo sobre a correspondência de Simón Bolívar. Embora sonhasse com uma América unida e forte, Bolívar não escreveu de forma substancial a respeito do Brasil em suas cartas, fator que levou a autora a concluir que "pouco parecia

¹ Podemos observar exemplos desse percurso historiográfico a partir de trabalhos como os de Maria Ligia Coelho Prado. No texto indicado, a autora fornece exemplos que elucidam esta tese, sobretudo, a partir da perspectiva brasileira em relação à América de língua espanhola.

importar ao missivista o império brasileiro" (FREDRIGO, 2009, p. 48), o que veio a confirmar, para ela, a tese da denegação.

A ideia da denegação, embora tenha sido confirmada a partir de vários estudos - como é possível observar nas análises de Prado e Fredrigo -, não pode ser generalizada simplesmente, mas observada em seus pormenores, de acordo com a perspectiva dos sujeitos históricos que refletiram sobre as duas Américas, de forma comparativa ou não. Portanto, cabe observar, inicialmente, se houve denegação. Caso esta hipótese se confirme, outros elementos são ainda fundamentais para mapear esses olhares, como os termos a partir dos quais a denegação se apresentou, por meio da escrita de quais atores sociais e a partir de quais contextos históricos. Analisar as premissas e argumentos dos discursos construtores de alteridades/identidades, bem como suas possibilidades de circulação e alcance consiste em uma questão importante para refletirmos acerca das relações entre as diferentes Américas.

Para iniciar a análise, é importante perguntar, primeiramente, em que medida Sarmiento denegou o Brasil nas narrativas selecionadas, incluindo os diversos significados que esta noção engloba (dissociação, desinteresse, desconhecimento, distanciamento e denegação). Caso a ideia de denegação se confirme em algum de seus pressupostos, cabe ainda perguntar se tal argumento foi linear ou descontínuo, se existiram contradições, impasses ou mudança de posicionamento. Estas questões iniciais conduziram a elaboração de uma série de outros questionamentos que visam auxiliar na investigação referente à relação que Sarmiento estabeleceu com a América de língua portuguesa: quais aspectos do Brasil, dos brasileiros e do Império chamaram a atenção do autor? Quais elementos ele destacou na construção de alteridades e/ou identidades? É possível identificar nos artigos escritos por Sarmiento, um "nós" para a Argentina e um "outro" para o Brasil? Quais referências espaciais e/ou raciais foram pensadas para o Brasil a partir desse olhar?

Para responder a essas questões, apresentaremos, primeiramente, algumas reflexões posicionando o autor da narrativa em relação ao contexto de produção dos artigos selecionados para esta análise. Em seguida, estudaremos as duas narrativas, situando-as em relação à postura do autor.

Exílio e periodismo

Sarmiento nasceu em 1811 na província de San Juan, região de Cuyo, nas proximidades da cordilheira dos Andes, fronteira com o Chile. Filho de um fervoroso defensor da independência que atuou ao lado de San Martín como oficial de milícias no serviço mecânico, contava com o trabalho materno para o sustento da família. As condições da vida na infância foram modestas e o contexto da independência, seguido do processo de reordenamento do poder na região platina, conduziram a diversos conflitos civis que atingiram a província de Sarmiento. O contexto da guerra e a ausência de fortuna da família trouxeram para ele uma série de limitações e o acesso a uma educação formal foi a maior delas na opinião do sanjuanino (SARMIENTO, 2001b, p. 16).

Porém, contando com o auxílio de parentes e amigos, vivenciou uma ampla experiência de leituras, na qual debateu clássicos da literatura universal como “Hugo, Dumas, Lamartine, Chateaubriand, Thiers, Guizot, Tocqueville, Lerminier, Jouffroy, y los de la *Revista Enciclopédica* (...), las revistas europeas y muchos otros escritores de nota”(SARMIENTO, 2001b, p. 18-19). Ainda de acordo com sua autobiografia, aprendeu sobre os fundamentos da religião, os acontecimentos da revolução de independência, o amor a pátria e os princípios liberais (SARMIENTO, 2001b, p. 17). De tendência liberal, como indicou, acreditava que as fontes para o conhecimento moderno e para o progresso deveriam ser buscadas na Europa, sobretudo entre autores franceses como Michelet, Tocqueville e Guizot.

Entre 1839 e 1840, Sarmiento deu início a algumas atividades que se tornaram preocupações centrais em seu pensamento e em suas ações intelectuais e políticas futuras. Em junho de 1839, assumiu a direção da *Imprenta de la Provincia de San Juan*. No mês seguinte inaugurou o *Colégio de Señoritas de la Advocación de Santa Rosa de América* e o periódico *El Zonda*.

Aos 29 anos de idade, Sarmiento seguiu em um segundo exílio para o Chile.² A Confederação Argentina, nesta época, passava por um contexto de lutas civis envolvendo diferentes projetos de constituição do Estado. Nessa época, início da década de 1840, a Argentina ainda não existia como um Estado unificado sob uma única liderança política e identificado a partir de um sentimento de pertencimento, mas estava dividida em estados

² Durante 1831, devido a uma derrota do seu grupo político, Sarmiento cruzou a Cordilheira dos Andes em seu primeiro desterro. Durante o período em que esteve no Chile, trabalhou em uma escola municipal de Santa Rosa de los Andes e após ter uma proposta de reforma escolar negada pelas autoridades, criou uma escola em Pocuro para a instrução de jovens e adultos. No Chile também se dedicou a atividades relacionadas ao comércio (em Valparaíso) e à mineração, trabalhando como capataz em uma mina (em Copiapó). Devido a um problemas de saúde, retornou a San Juan em 1836.

provinciais que guardavam autonomia frente ao governo de Buenos Aires, representado por Juan Manuel de Rosas, articulador dos pactos interprovinciais que deram origem à Confederação Argentina.³

Durante o período rosista, o governo assumiu uma postura de perseguição aos seus inimigos. Muitos foram exilados no Uruguai e no Chile, como aconteceu com membros da chamada *Geração de 37*.⁴ Devido a sua atuação como unitário, da qual fizeram parte as críticas feitas ao *rosismo* através do periódico *El Zonda*, Sarmiento sofreu algumas represálias que o levaram ao exílio no final de 1840.

Em um dos seus artigos Sarmiento (2001a, p. 235) afirmou "escribir para escribir, es la profesión de los vanidosos y de los indiferentes sin principios y sin verdadero patriotismo; escribir para insultar es la de los malvados y la de los estúpidos; escribir para regenerar es el deber de los que estudian las necesidades de la época en que viven". Ele buscou cumprir com esse projeto no Chile, no contexto do exílio, onde exerceu uma grande atividade literária como periodista escrevendo em jornais de Valparaíso e Santiago e desenvolveu uma escrita combativa, marcada por críticas e reflexões sobre política, educação, o papel da imprensa, costumes, literatura, entre diversos outros assuntos.

Quando Sarmiento se estabeleceu no Chile, em 1840, a imprensa passava por um grande desenvolvimento vinculado à luta pela organização política e pela estabilidade social.⁵ Foi uma época na qual proliferaram diários e periódicos, sobretudo voltados para a cena pública, em Santiago, em Valparaíso e também nas províncias. No Chile, a imprensa possuía um forte caráter contestório em relação à política.

³ Juan Manuel de Rosas foi governador da Província de Buenos Aires entre 1829 e 1832 e assumiu pela segunda vez esse cargo em 1835, permanecendo no poder até 1852. Esse segundo mandato é denominado pelos estudiosos do tema como *período rosista*.

⁴ A *Geração de 1837* é caracterizada como um grupo de literatos considerados fundamentais na formação da nação Argentina. De acordo com Shumway eles criaram um gênero da literatura argentina que consiste na explicação do fracasso e se atribuíram as tarefas de identificar os problemas da Argentina e criar um programa de ação para deixá-la moderna. Juan Bautista Alberdi, Esteban Echeverría, Juan Maria Gutiérrez e o próprio Sarmiento são considerados integrantes dessa geração. Sarmiento se identificou com as soluções propostas pela *Geração de 37* para superar a crise política e ideológica da futura nação argentina.

⁵ Após a independência chilena, diversos setores políticos convergiram na escolha da forma republicana de governo. As reformas foram conduzidas via Estado, que permaneceu gozando de legitimidade mesmo após o rompimento com a Espanha. O liberalismo forneceu o instrumental ideológico para as reformas do século XIX e foi compartilhado por vários grupos políticos. Esses setores priorizaram os debates e medidas referentes à proteção do indivíduo frente ao Estado, a ampliação das liberdades individuais, o equilíbrio de poderes entre o Executivo e o Congresso, bem como as formas e fins de representação. Diferentemente da Confederação Argentina, no Chile predominou um caráter de continuidade institucional, com transformações implementadas via reforma e não por meio de revoluções.

Neste país, Sarmiento assumiu o periodismo como profissão. Para ele, os periódicos representavam um meio de comunicação de grande importância.⁶ Colaborou com um grande número de periódicos, alguns fundou e redigiu.⁷ A maioria dos artigos que escreveu foram publicados em *El Mercurio* de Valparaíso e *El Progreso*, de Santiago. Seus textos também eram publicados em periódicos de outros países. Acreditava que a imprensa seria um dos caminhos rumo ao progresso e deveria evidenciar as necessidades sociais, atuar na formação do cidadão e em prol da liberdade. Tornou vários temas públicos e polêmicos, inserindo-os na ordem do dia, como a gramática e o romantismo. Em um curto período de tempo, se tornou um escritor influente e popular.

Logo após sua chegada ao Chile, se envolveu com a política local favorecendo a candidatura conservadora do general Manuel Bulnes. Também estabeleceu contatos com chilenos que ocupavam uma posição de destaque na imprensa e/ou na política chilena, a exemplo de José Victorino Lastarría e Manuel Montt. Alguns destes contatos foram fundamentais nas polêmicas que travou, mas também nas amizades cultivadas ao longo da vida. A partir destas relações e da ação periodística, o sanjuanino pôde criar uma rede de sociabilidades e de atividades que culminaram em uma série de desdobramentos como os cargos públicos para os quais foi nomeado e que estiveram vinculados à educação.

Os argentinos desterrados encontraram na expressão escrita uma eficiente arma de combate. A escrita dos exilados redesenhou a nova pátria, criando uma oposição ferrenha e incomoda à Confederação Argentina sob a liderança de Rosas, além de possibilitar o estabelecimento das bases intelectuais da nação almejada. Neste contexto, Sarmiento foi um dos principais protagonistas.

Um dos ápices da atividade de Sarmiento como escritor no Chile foi à publicação do folhetim *Civilización i barbarie. Vida de Juan Facundo Quiroga*, no periódico *El Progreso*, entre 02 maio e 07 junho de 1845. Posteriormente publicado em formato de livro sob o título *Facundo o civilización y barbárie*, esta obra é considerada por muitos analistas um dos livros de fundação da literatura argentina e hispanoamericana.

⁶ Entre 1841 e 1845 o periodismo foi central em sua vida. Durante o período em que esteve exilado, Sarmiento realizou uma viagem para o exterior entre o final de 1845 e o início de 1848, na qual conheceu países da América do Sul, da Europa, da África e dos Estados Unidos. Entre o final de 1851 e o início de 1852, também esteve fora do Chile, participando da Campanha do Exército Grande Aliado da América do Sul, na região platina, com um período de estadia no Rio de Janeiro.

⁷ Alguns exemplos de periódicos que Sarmiento redigiu ou para os quais escreveu são *El Mercurio*, *El Progreso*, *El Nacional*, *Periódico Político e Literário*, *Crónica Contemporanea de Sud-América*, *Diário Comercial*, *La Crónica*, *periodico político e literário*, *La Tribuna*, entre diversos outros.

Foi com a intensa atividade de escrita para periódicos, somada aos cargos que ocupou nos setores educacionais, que Sarmiento pôde assentar as bases do seu pensamento e das diretrizes que tomaria ao longo de sua vida também fora deste país, influenciando inclusive nos julgamentos elaborados sobre o Brasil.

Apesar das amizades cultivadas, seus escritos também lhe trouxeram muitos desafetos. Ainda no início do exílio, comentou com o amigo Quiroga "mi carrera es un poco azarosa: soy el objeto del odio de unos, de los celos de otros, de la aprobación de muchos y de la amistad de algunos" (SEGRETI, 1988, P. 25). Afirmou que o motivo de tantas inimizades estava relacionado aos artigos de *El Mercurio*. Disse ainda que além de lhe render uma boa reputação entre grupos ilustrados, já que até mesmo periódicos da oposição o elogiavam, também lhe rendeu insultos devido aos princípios que propagava. Nas narrativas sobre o Brasil, como veremos, a situação não foi diferente. Foi neste contexto que, em 3 de outubro de 1842, Sarmiento publicou sua primeira reflexão sistematizada sobre o Império brasileiro.

¿Cómo evitar que se desplome un edificio tan mal cimentado?

Ojeada sobre el Brasil trata-se de uma visão geral sobre o vizinho de língua portuguesa. Neste artigo, Sarmiento teceu uma espécie de diagnóstico no qual – a exemplo de outros textos que escreveu sobre o contexto de países da América do Sul como o Uruguai e a própria República Argentina –, informou e refletiu acerca de alguns conflitos fronteiriços e da ordem política vivenciada naquele momento.

Em sua narrativa destacou a "lucha obstinada que hace años existe en una de las fronteras" e, sobretudo, as "convulsiones recientes de San Pablo y de Minas Gerais" em alusão às Revoltas Liberais e à fronteira sulina. Escreveu ainda a respeito de "tantos resuellos democráticos que se han visto repetidas veces hasta en la misma capital del Brasil al lado del poder" (SARMIENTO, 2001c, p. 49).

Para Sarmiento (2001c, p. 49), naquele momento, o Brasil representava o aior estado sul-americano em termos populacionais, em riqueza e em território, "es, sin embargo, el mayor embrión de nación que tenemos en nuestro continente, y el país que, a nuestro juicio, está destinado a pasar por más alteraciones en su organización". Embrião de nação devido, sobretudo, a extensão e riqueza do território. Entretanto, vislumbrando alterações futuras,

Sarmiento fez questão de enaltecer a fragilidade de tal embrião que deveria, antes de entrar em harmonia, sofrer uma decomposição.

De acordo com Sarmiento, para conservar a unidade em um território tão vasto em termos espaciais e sociais, seria necessário um governo apoiado em tradições antigas, mas que estivesse, ao mesmo tempo, repleto de vigor e força. As instituições deveriam ser antigas em termos de criação, mas modernas quanto à consonância com a época e com as ideias de 1842. O povo, o corpo da nação, por sua vez, deveria ser são e homogêneo, forte e pujante e não sofrer de nenhuma enfermidade. Mas tais características, na visão de Sarmiento, faltavam ao Brasil naquele momento.

Em sua narrativa, o autor perguntou: “¿Cómo conservar el equilibrio, ni evitar que se desplome un edificio tan mal cimentado?” E prontamente ele mesmo respondeu: “el régimen constitucional que hoy existe, es un árbol nuevo que dista mucho de tener hondas raíces” e “el actual gobierno no tiene más antecedentes que el presidente de cualquiera de nuestras repúblicas”. Tais circunstâncias, a tradição e a inovação, faltariam ao Brasil e os conflitos “muestran el porvenir borrascoso que aguarda a esse imperio” (SARMIENTO, 2001c, 49-50).

Transitando por entre o regime de governo e o governante, passando por sua população e geografia, o diagnóstico era fatal. Quanto à população, estava formada por homens livres e escravos, de duas raças que nunca haviam se dado bem, por um povo heterogêneo em relação ao sangue, às idéias e aos instintos. Em termos espaciais, fez questão de enfatizar a dispersão dos brasileiros em vasto território, divididos entre a zona tórrida e a temperada, o que o fez supor que teriam também necessidades e interesses diversos e até mesmo opostos. (SARMIENTO, 2001c, 50).

Em termos fatalistas e transcendentais, conclamou a Providência que, se não determinaria o resultado final, ao menos orientaria os rumos e conduziria os brasileiros pelas etapas da imensa transição, passagem de uma condição violenta a um porvir civilizado. Sarmiento pensou, para o Império, na decadência e no renascimento através da história. A partir do amálgama entre elementos de uma história entendida como *magistrae vitae* e de um tipo de filosofia da história, enxergou um padrão necessário de etapas em direção ao futuro, evolução imperiosa, que ocorreria dentro de um tempo linear, progressivo e fatídico. A situação somente se tornaria ruim se a Providência se abstivesse de efetuar a transição de forma lenta e gradual.

Embora prognosticando a divisão do território brasileiro em futuro próximo, não seria possível adiantar o motor da história, pois, cada passo deveria ser dado de acordo com as

condições de cada momento. Neste sentido, Sarmiento (2001c, p. 50) aconselhou: “guárdense los brasileiros de romper antes de tiempo los vínculos que los unen”.

Os homens de estado do Brasil, ao lutarem contra a anarquia e as rebeliões, não deveriam desconhecer que ao fim sairiam novos Estados do seio do imperio e os esforços empreendidos somente retardariam o desmembramento que "no ocurra sino cuando la ilustración esté más difundida y el pueblo más nivelado" (SARMIENTO, 2001c, 50).

Acionando o condicionante "conhecimento ilustrado", para Sarmiento, a ignorância representava um entrave na superação das etapas necessárias ao progresso. A emancipação de cada parte, por sua vez, só seria possível mediante o saber ilustrado difundido entre a população.

A questão parecia simples para o sanjuanino, que estabeleceu um padrão civilizacional conformando todos os povos americanos e se apropriando da história como elemento pedagógico. Nesta perspectiva, questionou: "¿Qué privilegio tiene el imperio para que no pase por las mismas alteraciones que los Estados contemporáneos suyos?" (SARMIENTO, 2001c, 50).

O Brasil, neste caso, emergiu mais como espelho do que como oposição. Surgiu como parte do Mesmo cujo destino não poderia se diferenciar, visto que a América caminhava para um mesmo fim, ou seja, a história deveria ter sentido idêntico nos dois polos, o de língua espanhola e o de língua portuguesa. A história dos demais países da América, neste caso, serviu como exemplo.

O Brasil serviu como um espelho a partir do qual o autor pode tecer comparações e hierarquizar os países de acordo com a etapa evolutiva que apresentavam frente a elementos políticos e sociais. Neste sentido, para Sarmiento, a República Argentina e o Chile já estavam em estágios adiantados quando comparados com o Brasil, uma vez que o desmembramento do território mais amplo, os vice-reinados, já havia ocorrido. Se o Brasil ainda estava dando seus primeiros passos no encaixe do processo civilizador, só continuaria sua caminhada mediante a conformação de toda a sociedade, o que se daria somente por meio da educação.

O Brasil não poderia ficar fora do movimento natural da história, do motor que impulsionava toda a América em uma mesma direção e durante esta caminhada compartilharia com o restante do continente o princípio das subdivisões. Olhe por toda a América, escreveu Sarmiento, e verá em toda sua força o princípio das subdivisões. (SARMIENTO, 2001c, 50).

Para exemplificar a "teoria da divisão", citou o exemplo do México (prestes a perder seus extremos, Texas e Yucatán), da República Argentina (que já não contava mais com o

Paraguai), da Colômbia, (dividida em três estados) e da Banda Oriental. Somente o Chile logrou manter sua extensão, graças à cordilheira. Novamente, a história aparece como mestra da vida. O exemplo foi fornecido a partir de países do continente que haviam passado pelo desmembramento. Observamos uma vez mais a intenção pedagógica de mostrar os caminhos previamente traçados pela Providência e já vivenciados por alguns países. O Brasil, por sua vez, que não deve contar com o Rio Grande, enfatizou. (SARMIENTO, 2001c, p. 50).

Interessante notar que a divisão territorial não se manifestava na escrita de Sarmiento (2001c, p. 50) como algo negativo, pois consistia na possibilidade de regiões com diferentes características geográficas e populacionais serem atendidas em suas necessidades, o que jamais poderia acontecer sem o desmembramento já que existiam caracteres tão dispares entre os brasileiros. Complementou argumentando que nestes tempos não se poderia fundar grandes nações, sobretudo no caso do Brasil devido a grande heterogeneidade.

A diferença das raças, refletida nas distinções sociais, seria outro impedimento. Se o destino estava revelado, o império brasileiro não poderia se furtar a sofrer suas ações.

Escreveu ainda o sanjuanino que causaria admiração se o governo imperial conseguisse apaziguar os conflitos e restabelecer a ordem no país e que “semejante triunfo probará una prudência y una habilidad incomparables en el actual gabinete” e “probará también que la mayoría del pueblo brasileiro es tan patriota y tan amante de su nacionalidad, que no bastan a dividirlo los muchos elementos de disolución con que salió el país de manos de su metrópoli, y que se hallan hasta ahora confundidos con la base misma de su posicionón social (SARMIENTO, 2001c, p. 50).

Sarmiento acreditava que os brasileiros conheciam muito bem os males que os ameaçavam e sempre tratavam de precavê-los com “sabias disposiciones preparatorias”. Finalizou o artigo desejando “que el actual gobierno del Brasil logre restablecer el orden en todo el império, para que pueda dirigir sus trabajos sin interrupción y sin obstáculos hacia la civilización y libertad del pueblo brasileiro” (SARMIENTO, 2001c, p. 50).

Um balanço deste primeiro texto permite auferir que para Sarmiento o Brasil não representava uma ameaça iminente aos países americanos de língua espanhola, pois, primeiramente, estava em voltas com conflitos internos, brigas relacionadas às fronteiras, sobretudo com o Uruguai e dissensos entre sua população heterogênea e desnivelada em termos educacionais. Em segundo lugar, o autor do artigo acreditava que, após transpor algumas etapas, o Brasil não existiria mais como país e se dissolveria em inúmeras repúblicas, a exemplo dos antigos vice-reinados, crença essa relacionada às comparações que estabeleceu entre o Brasil, a Argentina e o Chile, com a adoção de um olhar permeado pelas filosofias da

história, por uma concepção de história como mestra da vida e, sobretudo, com o fato de ver no Brasil o espelho de sua própria pátria.

Em julho de 1842, dois anos após do Golpe da Maioridade, o segundo Reinado brasileiro ainda se encontrava em uma fase de instabilidade política. Neste momento, a prioridade das elites políticas cariocas consistiu em reprimir os levantes regionais, muitos deles iniciados ainda no Período Regencial e preparar os mecanismos legislativos que deveriam garantir a ordem. A imagem que Sarmiento construiu acerca da desintegração do Brasil estava relacionada com esse momento de instabilidade política e tentativa de ordenamento e repressão aos diversos levantes que ameaçavam a estabilidade do Império.

O início da década de 1840 foi também o momento de preparo e adequação do Imperador à posição por ele ocupada. Lilia Moritz Schwarcz (1998, p. 71) enfatiza que na tentativa de amenizar o impacto que a pouca idade do monarca poderia representar para a legitimidade do Império, as elites políticas imperiais buscaram criar uma ideia de maturidade precoce e prodigalidade intelectual do monarca, ainda tão jovem, a partir da imprensa, do ritual de sagração e coroação do Imperador em 1841 e de representações pictóricas. O Golpe, que também marcou o recuo dos liberais e a reação conservadora, teve a intenção de garantir a unidade e a continuidade do Império, desejo que se tornou mais importante neste momento do que as divisões partidárias. Sarmiento, portanto, observou a situação a partir desse contexto e sua análise estava relacionada a uma visão geral de instabilidade que assolava o Brasil.

Ao contrário de repúdio ou medo, Sarmiento construiu um diagnóstico sobre o país vizinho, considerando algumas diferenças regionais, sociais e geográficas além de prós e contras relacionados às possibilidades oferecidas pelo contexto histórico, evidenciando um olhar teleológico que incluía o Brasil, parte da América, no compasso de uma civilização idealizada ou utópica. O final do texto aponta para um ato de boa vontade ou mesmo de apoio ao governo brasileiro.

Que tal desarrollo se haga gradualmente

O texto de Domingo Faustino Sarmiento sobre o Brasil, assim como outros artigos que escreveu nesse período, repercutiu e, como se tornaria lugar comum em sua escrita, gerou desafetos. Ao que tudo indica, um correspondente brasileiro não concordou com o prognóstico. Não foi possível identificar se a crítica foi concretizada em forma de artigo ou

por meio de uma nota encaminhada a *El Mercurio*. Todavia, alguns dias após a publicação do primeiro texto sobre o Brasil, Sarmiento escreveu outro, em resposta ao correspondente, denominado somente como Senhor Noticioso.

Em termos gerais, neste segundo artigo, Sarmiento (2001c, p. 51) teve o propósito de se defender de acusações que teriam sido feitas pelo Senhor Noticioso. Explicou que por falta de espaço nas colunas não contestou anteriormente a nota remetida que contrariava algumas ideias que ele havia emitido sobre o Brasil.

O sanjuanino (2001c, p. 51) se queixou ao correspondente que parece tê-lo acusado de desferir um ataque ao Brasil e foi enfático ao afirmar “no es así como há mirado las cosas nuestro corresponsal”, pois sua reflexão não afetava “ni a la dignidade de aquel país, ni a su actual gobierno”. Buscou reiterar algumas considerações feitas anteriormente: “hemos dicho que esa nación está destinada a um gran desarrollo” e “hemos hecho votos por que tal desarrollo se haga gradualmente y no por saltos”.

Sarmiento (2001c, p. 51) analisou a questão recorrendo à alteridade, enfatizando que a leitura de um brasileiro poderia ser distinta de um americano do sul:

Hemos anunciado que su territorio será dividido, y si este anuncio puede ser melancólico para un brasilero no lo es para un americano del sur, con tal que la desmembración se haga sin catástrofes, y que sea en provecho y para la mayor prosperidad de los pueblos que componen el imperio.

E complementou sua reflexão questionando seu interlocutor: “¿Qué vale, señor *Noticioso*, el placer de pertenecer a una patria con vasto territorio, si esta circunstancia es tal vez incompatible con la ventura de esa misma patria?”(SARMIENTO, 2001c, p. 51).

É interessante pensar que mesmo estando desterrado no Chile, devido provavelmente a língua, a uma história comum em muitos aspectos, às facilidades de acesso, este país não aparece como um outro tão distante quanto o Brasil, ao menos não neste texto.

Na notícia anterior, o Brasil foi considerado indissociável da América e sua história foi pensada como parte de um futuro comum. Nesta segunda narrativa, ao definir o seu leitor ideal, o autor destacou, inicialmente, que Brasil e América poderiam ser considerados de forma distinta:

Cuando escribimos para la América, y no para el Brasil, tenemos que alzar algo más la vista, y tratar de explicarnos el motivo de tantas revoluciones unísonas como vemos estallar en él; y es entonces cuando nos apercebimos

de los muchos gérmenes de disolución que contiene, u de la posición anormal en que se halla (SARMIENTO, 2001c, p. 51).

Se em um primeiro momento sentimos que o autor realizou uma separação entre brasileiros e americanos, na sequência da narrativa essa impressão é solapada pela seguinte consideração: "este modo de ver las cosas es puramente americano; se refiere al orden y bienestar general de nuestro continente, y no envuelve ninguna mira pequeña, ningún deseo hostil al Brasil, ni una envidia pueril de su vasto territorio e de su población." Sarmiento (2001c, p. 51) se colocou como um americano preocupado com outros americanos e, neste sentido, novamente o Brasil foi considerado parte da América. Na resposta ao Senhor Noticioso, ao utilizar a expressão "nosso continente", não somente incluiu o Brasil, mas também deixou transparecer que as questões envolvendo o país de língua portuguesa interessavam a ele, justamente pelo Brasil ser parte do continente.

De acordo com Chiaramonte (2009, p. 258), durante esse período, as experiências coletivas das províncias rio-platenses ainda "eram muito débeis para poderem ser invocadas para estabelecer uma singularidade argentina com referência ao resto dos países hispano-americanos". Neste sentido, os membros da *Geração de 1837*, perceberam a inexistência de um princípio de nacionalidade que desse suporte para a nação independente. Essa nacionalidade almejada tinha como elemento distintivo somente a sua natureza americana. O *nós* que propagavam, era um nós americano e não especificamente argentino.

Por isso, para o sanjuanino, o correspondente brasileiro, imbuído do seu nacionalismo e desprezado dos interesses americanos, negou verdades que ressaltavam aos olhos de quem observasse o mapa do Brasil, o seu povo e o seu governo."(SARMIENTO, 2001c, p. 51).

Sarmiento (2001c, p. 51), por sua vez, criticou o interlocutor afirmando que ele "arroja sobre las repúblicas sudamericanas una mirada mal encubierta de desdén." Citou o trecho no qual o interlocutor teria se referido aos demais países sul americanos nos seguintes termos:

Si el Brasil, dice, fuera una masa informe, o una porción de habitantes sin orden, ni método (no hemos dicho tanto), que es como se le pinta exageradamente en la expresión de ser el mayor embrión de nación, en médio de las circunstancias que se dice le favorecen con preferéncia a los otros Estados sudamericanos, ¿qué serían estos entonces?"

A provocação certamente causou animosidade em um autor cuja marca registrada se consolidava em narrativas marcadas pela ironia e impetuosidade. Sarmiento (2001c, p. 51) foi

ácido em sua resposta, o que possibilita perceber a mudança de tom em relação ao artigo anterior. “¿Qué serían? Lo que son, pueblos embriones, pero menos embriones que el Brasil; más pequeños, pero más homogêneos. Más revolucionados algunos de ellos, y en estado de más elaboración, pero sobre un molde ya existente, y acorde con la época”. Seu argumento para o *Senhor Noticioso* foi bem claro. O Brasil estava fora de sintonia histórica, atrasado em relação às demais repúblicas latino-americanas que já haviam galgado algumas etapas ainda não percorridas pelo vizinho, que já haviam passado por convulsões, descartado a monarquia e a escravidão, que estavam se reordenando, em "elaboração" rumo à civilização. Em seu prognóstico, o estágio revolucionário de alguns países da América, encaixava-se em um "molde" pré-existente, de acordo com a época.

O Peru e a República Argentina, seriam os estados a apresentar “un aspecto más melancólico”, mas ainda assim estariam mais próximos de uma sólida paz “porque cien anarquistas y un tirano, parecen más pronto que una dinastía y que unas instituciones monárquicas”(SARMIENTO, 2001c, p. 51).

Apesar dos problemas enfrentados em seu país, o conflito com Rosas e outros caudilhos, em meio a uma pátria sem constituição formal, seria uma etapa mais adiantada em relação à monarquia, pois o Rio Grande, e os demais estados que algum dia deverão sair do seio do Brasil, não deram nem o primeiro passo, argumentou Sarmiento. Sobretudo porque estes estados de língua espanhola já teriam iniciado sua “carrera peligrosa de gobernarse a si mismos” enquanto o Brasil ainda era governado pela casa de Bragança (SARMIENTO, 2001c, p. 51-52). Neste ritmo, elaborou suas justificativas na intenção de convencer seu leitor que mesmo em meio aos conflitos e convulsões, as repúblicas se mostravam opções mais adequadas de governo que a monarquia, até porque uma estaria fadada ao desaparecimento em benefício da outra. Neste sentido, os conflitos, tanto das repúblicas como da monarquia, poderiam ser inseridos em uma perspectiva positiva, já que prenunciavam novos tempos.

Na sequência, Sarmiento (2001c, p. 52) questionou: “¿Hay acaso algún motivo para creer que serán ellos más felices que las repúblicas hispanoamericanas?” Sua conclusão foi, novamente, fatal e definitiva: os estados sul-americanos, com exceção do Brasil, “Son repúblicas por ser, y no imperios por destruir”. Ou seja, as repúblicas americanas de língua espanhola já constituíam o germe da civilização, enquanto no Brasil, antes do reordenamento, deveria ocorrer o processo de destruição de suas instituições, a divisão do seu território e o nivelamento educacional do seu povo. O autor dá como certo algo que ainda não aconteceu. A salvação estaria no futuro, para ambos (e esse futuro parecia ser bom), mas o império teria que caminhar um pouco mais para chegar lá. O Brasil havia perdido o trem da história, estava

atrasado em relação às repúblicas da América do Sul. Novamente a fatalidade histórica deu o tom.

Na ânsia de se contrapor, o autor afirmou que o texto contestado foi escrito sobre bases diametralmente contrárias às suas ideias, pois a unidade do império do Brasil e a conservação de suas instituições não representavam um feito final e não existia garantia quanto à sua preservação. Como exemplo se referiu aos conflitos que atingiam o Rio Grande, mesmo após sete anos de esforços do governo para apaziguar os separatistas e evitar que se desmembrassem do Império. Sua conclusão foi de que tal situação “no es por cierto un hecho como para inspirar nuestra confianza sobre la integridad futura del Brasil”. Outro argumento foi à utilização da Europa como ponto de comparação. De acordo com Sarmiento, neste continente as monarquias, antiquíssimas e apoiadas em mil tradições e no auxílio mútuo, a cada dia perdiam mais terreno na opinião pública. Tal comparação o levou a seguinte conclusão: “¿Cómo no hemos de dudar sobre la duración de un imperio nuevo, por todas partes rodeado de repúblicas, y con un niño de diecisiete años a su cabeza?”(SARMIENTO, 2001c, p. 52). Não somente a ausência de tradição ou sua antiguidade eram elementos consideráveis, mas a influência do entorno e a pouca idade do monarca.

Enfatizou ainda o sanjuanino que a forma com se posicionou no artigo anterior não estava relacionada a idealizar um futuro infeliz para “pueblos que podemos llamar vecinos” e que “por mil circunstancias nos interesan”. Tal postura estava vinculada, conforme justificou, com uma atitude de franqueza consigo mesmo e com a possibilidade de tirar proveito da história das nações, revelar os perigos e males que as ameaçavam para lhes oferecer possíveis remédios. O tom pessimista se confundiu com o otimismo lançado na frase: “y es, en fin, tener fe en la libertad, y divisar una época mejor que la presente”(SARMIENTO, 2001c, p. 52). O horizonte de expectativas se apresentou, em sua narrativa, como uma possibilidade de um futuro melhor, pois republicano, capaz de ser concretizado somente após a superação das etapas históricas vivenciadas naquele momento, etapa representada, no caso do Brasil, pela monarquia. Finalizou o artigo dizendo não pretender entrar em uma polêmica sobre o assunto e que nem se empenhou tanto em sustentar as informações anteriormente veiculadas, as quais repetiu:

Los disturbios continuos que agitan al país, y que no pueden ser, como dice nuestro corresponsal, obra de unos pocos descontentos, confirman nuestras alarmas, y nos hacen desear, ahora más que nunca, sabiduría en el actual gobierno y menos precipitación en el pueblo brasileiro (SARMIENTO, 2001c, p. 52).

Conclusão

Uma das intenções dessa reflexão foi problematizar a ideia de que a América de língua portuguesa não interessava ou não importava para os letrados americanos de língua espanhola ou de que era desconhecida. Por mais que este interesse não fosse compartilhado por todos, alguns escritores, a exemplo de Sarmiento, não só deram importância a tal debate, como evidenciaram conhecer alguns pormenores sobre as tensões que assolavam o Império brasileiro. O sanjuanino não somente demonstrou interesse pela história do país vizinho mas, sobretudo, procurou interpretar determinado processo histórico.

De forma otimista, previu a salvação em um futuro, mais próximo para as repúblicas de língua espanhola e um pouco mais distante para o país de língua portuguesa. Esse tipo de utopia produzida pelas filosofias da história, de acordo com Reis (1994, p. 158), "é fruto da fantasia imaginativa, da análise do presente, da crítica da ordem estabelecida, da defesa de valores racionais e da esperança de que a história e seus horrores serão superados". A República Argentina era o modelo do qual partia o autor, era o palco dos horrores vivenciados pelos seus compatriotas, muitos dos quais se encontravam proscritos. A república, como sistema de governo, era o horizonte de expectativas de Sarmiento, não somente vislumbrado para sua pátria, mas para os vizinhos americanos também.

Sarmiento fez questão de demonstrar que a compreensão que o Senhor Noticioso demonstrou em relação a sua reflexão o deixara ofendido e se empenhou em explicar seu ponto de vista, em enfatizar que tal olhar não caracterizava uma reprovação ao Império brasileiro, mas uma análise cujo objetivo era contextualizar a situação de um dos países americanos para os próprios americanos. Pesou em sua análise o anacronismo atribuído ao país de língua portuguesa, que a pouco havia renovado a orientação monárquica, enquanto a América de língua espanhola buscava encontrar os caminhos para organizar o país após os processos de independência. Também é possível observar, nas narrativas de Sarmiento, a existência de ressentimentos quando da comparação entre o Brasil e a América de língua espanhola no que concerne à fragmentação, bem como a utilização da história como fonte de instrução na definição dos caminhos do porvir. Se os antigos vice-reinados sofreram o processo de fragmentação, o Brasil certamente também os sofreria, já que não existia uma hierarquia que o tornasse superior ou que o guardasse do advento da modernidade, sentida a partir do esfacelamento territorial, político e social.

Ao enfatizar que somente os brasileiros ilustrados entenderiam seu ponto de vista, o sanjuanino buscava a legitimação do seu discurso a partir de sua inserção em um filtro iluminista e que estabelecia os parâmetros ideais da caminhada rumo ao progresso dos povos americanos. Tal progresso, em sua visão, só poderia se concretizar mediante um processo educativo amplo. Se a França era o modelo, a revolução representava um passo em direção à civilização.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMANTE, Adriana. *Poéticas y políticas del destierro: argentinos en Brasil en la época de Rosas*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2010, p. 42.

CHIARAMONTE, José Carlos. *Cidades, províncias, Estados: origens da nação argentina 1800-1846*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2009.

FREDRIGO, Fabiana de Souza. Notas metodológicas e trajetória de pesquisa: um estudo sobre o epistolário bolivariano (1799-1830). In: *Cadernos de Seminário Cultura e Política nas Américas*. São Paulo: USP, vol. I, 2009, p. 44-65. Disponível em: <http://www.historia.fflch.usp.br/sites/historia.fflch.usp.br/files/CSP1.pdf>. Acesso em: 21 de fevereiro de 2013.

_____. O Brasil no epistolário de Simón Bolívar: uma análise sobre o descobrimento entre as Américas. *História Revista*, Goiânia, Universidade Federal de Goiás, v. 8, 2003, p. 89-115.

JAKSIĆ, Iván. Sarmiento y la prensa chilena del siglo XIX. *História*. Santiago: PUC-CH, vol. 26, 1991-1992, 117-144. Disponível em: <http://revistahistoria.uc.cl/estudios/3227/>. Acesso em 20 janeiro 2014.

JITRIK, Noé (dir.). *História Crítica de la literatura argentina: Sarmiento*, v. 4. Buenos Aires: Emecé, 2012.

KARNAL, Leandro. O Brasil e a América Latina denegada. *Ciências e Letras*. Porto Alegre, n. 28, p. 99-110, jul. dez. 2000.

PRADO, Maria Ligia Coelho. O Brasil e a distante América do Sul. In: *Revista de História*. São Paulo: USP, n. 145, 2001, p. 127-149.

REIS, José Carlos. *Tempo, história e evasão*. Campinas: Papyrus, 1994.

SCHWARCZ, Lilia Maria. *As Barbas do Imperador*. D. Pedro II, um monarca nos trópicos. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

SHUMWAY, Nicolás. *La invención de la Argentina: historia de una ideia*. Buenos Aires:

Emecé Editores S. A., 2002.

FONTES

SARMIENTO, Domingo Faustino. Diálogo entre o editor e o redator. *Mercúrio*, 27 julho de 1842. In: _____. *Obras completas de Domingo Faustino Sarmiento*. Buenos Aires, Universidad Nacional de la Matanza, 2001, vol I, p. 235-237.

_____. Mi Defensa: In: _____. *Obras completas de Domingo Faustino Sarmiento*. Buenos Aires, Universidad Nacional de la Matanza, 2001, vol. III, p. 11-28.

_____. Ojeada sobre el Brasil. In: _____. *Obras completas de Domingo Faustino Sarmiento*. Buenos Aires, Universidad Nacional de la Matanza, 2001, vol. VI, p. 49-52.

_____. Recuerdos de Provincia. In: _____. *Obras completas de Domingo Faustino Sarmiento*. Buenos Aires, Universidad Nacional de la Matanza, 2001, vol. III, p. 29-170.

_____. *Viajes*: edición crítica de Javier Fernández (coord.). 2 ed. Madrid; Paris; México; Buenos Aires; São Paulo; Rio de Janeiro; Lima: ALLCA XX, 1996.

SEGRETI, Carlos (comp.). *La correspondencia de Sarmiento*. Tomo I 1838-1854. Córdoba, Comisión Nacional de Homenaje a Domingo Faustino Sarmiento, 1988, p. 17-18.

ARTIGO ENVIADO PARA PUBLICAÇÃO EM: 02.12.2013

ACEITO PARA PUBLICAÇÃO EM: 10.02.2014